|  |  |
| --- | --- |
| L E I T U R A | E D U C A Ç Ã O L I T E R Á R I A |  |

**1. Faz uma pesquisa sobre o elevador de Santa Justa e apresenta-a à turma.**

**2. Lê o poema “o elevador de santa justa”, de Vasco Graça Moura.**

|  |  |
| --- | --- |
| 5  10  15 | **o elevador de santa justa**  podes caber à larga e não à justa no elevador de santa justa,  não te leva a parte nenhuma no sentido utilitário normal,  mas é a nossa torre eiffel. faz a experiência. por sinal  é um caso em que não custa aprender à nossa custa:  variamente na vida e na ascese se flibusta1,  e aprender à nossa custa é muito mais ascensional.  podes subir até ao miradouro se a altura não te assusta:  lisboa é cor de rosa e branco, o céu azul ferrete é tridimensional,  podes subir sozinho, há muito espaço experimental.  noutros elevadores há sempre alguém que barafusta,  mas não aqui: não fica muito longe a rua augusta,  e em lisboa é o único a subir na vertical.  no tejo há a barcaça, a caravela, a nau, o cacilheiro2, a fusta3,  luzindo à noite numa memória intensa e desigual.  com o cesário dorme a última varina4, a mais robusta.  não é para desoras5 o elevador de santa justa,  arrefece-lhe o esqueleto de metal.  mas tens o dia todo à luz do dia. não faz mal.  MOURA, Vasco Graça (1996). *Poemas Escolhidos 1963-1995*  (apresentação de Fernando Pinto do Amaral). Lisboa: Bertrand, p. 377.  **1**. *filibusta:* neologismo estilístico criado a partir do nome *filibusteiro* (aventureiro; temerário; ladrão; trapaceiro). **2.** *cacilheiro:* barco que faz viagens entre Cacilhas (Almada) e Lisboa**. 3.** *fusta:* antiga embarcação comprida, de fundo chato, com vela e remos e um ou dois mastros. **4.** *varina*: vendedora ambulante de peixe. **5.** *desoras*: fora de horas, muito tarde, inoportunamente. |

**3. Com base nas duas primeiras estrofes, caracteriza o “*elevador de santa justa*”, explicitando as diferenças relativamente a outros elevadores.**

**3.1.** Justifica a referência à “*torre eiffel”* (v. 3).

**3.2.** Infere os valores simbólicos que podem ser atribuídos ao elevador.

**4. A terceira estrofe é bastante rica ao nível da intertextualidade.**

**4.1.** Identifica e analisa as referências intertextuais nela presentes. RETOMA

**5. Foca a tua atenção na linguagem e no estilo.**

**5.1.** Mostra de que forma se concretiza o tom jocoso no verso 1.

**5.2.** Explicita um dos efeitos de sentido resultantes do recurso à segunda pessoa do singular ao longo do poema.

**5.3.** Analisa formalmente o poema, em termos estróficos, métricos e rimáticos.

|  |  |
| --- | --- |
| L E I T U R A | G R A M Á T I C A |  |

**1. Lê um excerto do texto *Lisboa* *– O que o Turista Deve Ver*, escrito por Fernando Pessoa.**

|  |  |
| --- | --- |
| 5  10  15 | Lisboa – O que o turista deve ver  Escolhamos a Rua do Ouro, que, devido à sua importância comercial, é a  principal rua da cidade. Há nesta rua vários bancos, restaurantes e lojas de todas  as espécies; muitas das lojas, especialmente para o cimo da artéria, costumam  ser consideradas tão luxuosas como as suas congéneres parisienses. […]  Quase ao cimo da rua, à esquerda de quem sobe, está o ELEVADOR DE  SANTA JUSTA, assim chamado por a rua transversal em que foi construído ter o  nome de Rua de Santa Justa. Esta é uma das “vistas” de Lisboa que sempre suscita  grande admiração aos turistas de todas as proveniências. O elevador deve-se a  um engenheiro francês, Raoul Mesnier, a quem outros interessantes projetos são  também devidos. É todo de ferro, mas especialmente característico, leve e seguro.  Tem dois ascensores, movidos a eletricidade. Sobre até ao Largo do Carmo, onde  se encontram as ruínas da igreja do mesmo nome, atualmente Museu Arqueoló-gico. É necessária autorização para subir lá mesmo ao topo, por cima do patamar  onde os ascensores param; daí desfruta-se um magnífico panorama de toda a ci-dade e do rio. O elevador pertence à Companhia Carris.  PESSOA, Fernando (2011). *Lisboa – O que o Turista Deve Ver*.  Lisboa: Livros Horizonte, pp. 33, 35. |



**2. Assinala a opção correta.**

**2.1.** O texto adota o género textual

**(A)** relato de viagem.

**(B)** comentário.

**(C)** roteiro turístico.

**(D)** anúncio publicitário.

**2.2.** O texto apresenta uma estrutura predominantemente

**(A)** narrativa.

**(B)** descritiva.

**(C)** dialogal.

**(D)** argumentativa.

**2.3.** A forma verbal “*Escolhamos*” (l. 1) encontra-se flexionada

**(A)** no presente do indicativo.

**(B)** no futuro do indicativo.

**(C)** no imperativo.

**(D)** no presente do conjuntivo .

**2.4.** O constituinte “*por a rua transversal em que foi construído ter o nome de Rua de Santa Justa”* (ll. 6-7) desempenha a função sintática de

**(A)** complemento oblíquo.

**(B)** complemento agente da passiva.

**(C)** complemento do adjetivo.

**(D)** modificador (do grupo verbal).

**2.5.** Entre “*elevador*” (l. 8) e “*ascensores*” (l. 11) estabelece-se uma relação de

**(A)** hierarquia.

**(B)** semelhança.

**(C)** oposição.

**(D)** todo-parte

.

|  |  |
| --- | --- |
| E D U C A Ç Ã O L I T E R Á R I A | O R A L I D A D E | TEXTO DE OPINIÃO |

**1. Lê o “poema para o túnel das amoreiras”, em que Vasco Graça Moura privilegia como ponto de partida um dos aspetos da vida quotidiana – o trânsito citadino.**

|  |  |
| --- | --- |
| 5 | **poema para**  **o túnel das amoreiras**  estás quase a chegar  ou quase a abandonar  lisboa devagar  e já sabes de cor  que às vezes é melhor  e às vezes é pior  a par, a par, a par…  MOURA, Vasco Graça (2000). *Poesia 1997/2000*,  Lisboa: Quetzal Editores, p. 274. |

**2. Lê, agora, a reflexão de Peter Hanenberg sobre o poema em causa.**

|  |
| --- |
| É óbvio como este poema é leve e sereno, o que se deve à experiência diária […]. Merecia uma publicação em autocolante para afixar junto do selo de circulação no pára-brisas dos automóveis lisboetas.  Será que é isso mesmo? Um túnel que não significa passagem mas engarrafamento, partidas que tanto se atrasam como chegadas, o saber *“que às vezes é melhor / e às vezes é pior”* e que andamos todos juntos e *“a par”,* tudo isso só quer dizer o que diz?  HANENBERG, Peter (2000). “Navegações pela terra-firme da poesia  sobre Vasco Graça Moura”, *Máthesis*, n.º 9, p. 172 [Com supressões]. |

**3. Produz um texto de opinião oral em que apresentes a tua resposta à interrogação/provocação de Peter Hanemberg.**

S O L U Ç Õ E S | S U G E S T Õ E S M E T O D O L Ó G I C A S

**“o elevador de santa justa”** (p. 91)

**Leitura | Educação Literária**

**1. Texto de apoio**

O século XIX foi o período da explosão demográfica, da industrialização, dos transportes e do crescimento urbano. Os processos construtivos e os materiais que começaram a ser aplicados mostraram-se mais funcionais e resistentes, possibilitando a construção em altura. Deste modo, as construções em ferro e vidro são as tendências inovadoras desta época. Surge uma nova estética.

É neste contexto que se insere o Elevador de Santa Justa, inaugurado a 10 de julho de 1902. A finalidade da sua existência é, mais uma vez, vencer a diferença de nível presente nas ruas de Lisboa: pouco mais de trinta metros separam a Rua do Ouro e o Largo do Carmo (Alves, 2002, p. 45).

Tendo em conta a nobre localização no coração pombalino da cidade, este elevador é uma das peças de maior destaque. Tem um grande impacto no urbanismo da Baixa, não só pela imponente implantação vertical mas também pela ornamentação rica e exuberante que define a estrutura metálica. Este monumento neogótico está construído em ferro fundido com detalhes em filigrana e é edificado por duas torres ligadas. O interior das cabines é feito em madeira com adornos de latão (Oliveira, 2011). Integra-se na envolvente com elegância e, ao mesmo tempo com imponência, sem ofender a estrutura urbana reticulada que obedeceu a um programa prévio.

[…] No topo, está alojado um miradouro que permite uma

vivência de 360º sobre a cidade.

FARINHA, Andrea (2015). Lisboa e as Colinas – Vivência Pedonal.

Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Lusíada de Lisboa,

pp. 97-102 [com supressões].

**3. “elevador de santa justa”** – elevador em que se sobe “na vertical” (v. 12), utilizado em momentos de lazer, em que se cabe “à larga” (v. 1) e sem utilidade (“não te leva a parte nenhuma”, v. 2); possibilita um movimento ascensional (em termos figurativos – na medida em que proporciona momentos de calma, recolhimento, e reflexão/ meditação). **Outros elevadores** - meios de transporte tecnicamente úteis, utilizados por muita gente (onde só se cabe “à justa”, v. 1), que os utiliza por necessidade e “barafusta” (v. 10).

**3.1.** Referência que permite estabelecer uma analogia entre o “elevador de santa justa” e a “*torre eiffel*”, na medida em que ambos são *ex-libris* de capitais (Lisboa/ Paris) e têm função não utilitária.

**3.2.** Manifestação dos tempos modernos e da vida quotidiana; símbolo do progresso técnico e da inovação tecnológica, de materiais mais duráveis e eternos; símbolo da rejeição da utilidade “normal” (orientada para o proveito/ lucro) **Nota*:*** poder-se-á considerar o elevador também como símbolo da poesia (na medida em que permite o movimento ascensional).

**4.1** Referência explícita à poesia de Cesário Verde, nomeadamente à *varina* (v. 15) – um dos tipos sociais que se movimento no espaço citadino e que se caracteriza pela robustez (cf. *O sentimento de um Ocidental – “E num cardume negro, hercúleas, galhofeiras, Correndo com firmeza, assomam as varinas”*) – **Nota:** há nesta referência uma recriação da poesia de Cesário, uma vez que se faz alusão ao ato de amor entre Cesário e a “*última varina*”; alusão à tradição literária associada ao Tejo e à navegação – remetendo para o imaginário épico (presente, por exemplo, na epopeia *Os Lusíadas*).

**5.1** Tom jocoso marcado pelo trocadilho associada à palavra “*justa*” (nome próprio e locução adverbial – *à justa*).

**5.2** Construção de um destinatário fictício (com valor genérico); sugestão de um tom didático, em que o sujeito se assume como conselheiro; criação de um efeito de proximidade em relação ao leitor.

**5.3** Poema constituído por três sextilhas; rima interpolada e emparelhada (ABBAAB, ABBAAB, ABAABB), versos longos (métrica irregular).

**Leitura/ Gramática**

**2.1.** (C) **2.2.** (B) **2.3.** (D) **2.4.** (D) **2.5.** (D)